

## Franz Brentano para além de Adolf Trendelenburg: sobre a unidade do ser na filosofia de Aristóteles

### Franz Brentano beyond Adolf Trendelenburg: On the unity of being in Aristotle's philosophy

Evandro O. Brito<sup>1</sup>  
(UNICENTRO/Fundação Araucária)

#### RESUMO

A hipótese interpretativa sustentada de modo descritivo nesse trabalho mostrará que, mesmo sob a orientação de Trendelenburg e à luz do seu *Zurück zu Kant*, Brentano propôs uma radicalização que pode ser caracterizada como um *Zurück zu Aristóteles*. Tratava-se de uma radicalização pelo fato de que a análise brentaniana não se satisfazia com a necessidade garantida pela estrutura formal da linguagem, bem como pela explicitação desta necessidade por meio de uma análise lógica da proposição que relevava apenas a necessidade quantitativa obtida na relação entre a forma da proposição e os predicamentos (categorias). Esta radicalização brentaniana consistiu especificamente na análise exclusiva do sujeito da proposição (*hupokeimenon*) como forma de explicitar a estrutura onto/lógico-categorial das coisas existentes (*tode ti*) fora do intelecto (*on kath'hauto exo tes dianois*), ou seja, o ser no sentido das categorias tomado na relação entre substância e categorias.

53

#### PALAVRAS-CHAVE

Categorias; Ser; Brentano; Trendelenburg; Aristóteles.

#### ABSTRACT

The interpretative hypothesis supported descriptively in this work will show that, even under the guidance of Trendelenburg and in the light of his *Zurück zu Kant*, Brentano proposed a radicalization that can be characterized as a *Zurück zu Aristotle*. It was a radicalization since Brentan's analysis was not satisfied with the necessity guaranteed by the formal structure of language, nor by the explication of this necessity by means of a logical analysis of the proposition that only highlighted the quantitative necessity obtained in the relationship between the form of the proposition and the predicates (categories). This Brentanian radicalization consisted specifically in the exclusive analysis of the subject

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) junto ao Departamento de Filosofia (DEFIL) e ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE). Email: evandro@unicentro.br Orcid: 0000-0001-9072-4472

of the proposition (*hupokeimenon*) as a way of making explicit the ontological/logical-categorical structure of existing things (*tode ti*) outside the intellect (*on kath'hauto exo tes dianoias*), that is, being in the sense of the categories taken in the relation between substance and categories.

## KEYWORDS

Categories; Being; Brentano; Trendelenburg; Aristotle.

## 1 INTRODUÇÃO

Há um consenso entre os estudiosos da filosofia de Franz Brentano acerca da originalidade de uma das conclusões apresentadas em sua tese doutoral. Intitulada *Os múltiplos sentidos do Ser segundo Aristóteles* (*Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristóteles* (1862)), e concebida em meio a uma disputa acadêmica acerca de uma interpretação capaz de explicitar a plausibilidade e a coerência da filosofia aristotélica como sistema, Brentano sustentou que a afirmação do caráter polissêmico do *Ser* fundamentava os termos pelos quais o *Ser* se constituía no objeto de estudo da *filosofia primeira* de Aristóteles. Assim caracterizada, e em divergência para com a interpretação de seu orientador Friderich Adolf Trendelenburg<sup>2</sup>, a originalidade dessa conclusão sustentava-se na plausibilidade de uma interpretação capaz de elucidar a coerência entre os vários modos aristotélicos de enunciação do termo *Ser*. O ponto fundamental a ser considerado está no fato de que a proposta brentaniana de análise das teses de Aristóteles se caracterizou pela originalidade com que Brentano propôs o retorno a Aristóteles. Com Trendelenburg, mas para além deste, Brentano reconstruiu a ontologia aristotélica afirmando, muitas vezes, expor as teses e os argumentos do estagirita melhor do que este teria feito<sup>3</sup>. É certo que o procedimento adotado por Brentano retomou (mas também inaugurou) interpretações contestáveis acerca do sistema do estagirita. De qualquer modo, sua originalidade estava no fato de afirmar

54

---

<sup>2</sup> Bem observado, este trabalho não se ocupa diretamente da exposição do programa de pesquisa filosófico de Trendelenburg, como faz Giusti (2012) de modo perspicaz a partir de uma perspectiva histórica, e nem mesmo diretamente da interpretação que Trendelenburg propôs para a teoria das categorias no sistema aristotélico. Restrito a um escopo bem mais modesto, analisamos apenas a descrição apresentada por Franz Brentano acerca da interpretação que Adolf Trendelenburg sustentava como sendo a teoria das categorias de Aristóteles.

<sup>3</sup> Apesar da sugestiva proximidade a uma proposta hermenêutica, o intuito brentaniano não consistia em *compreender o pensamento de Aristóteles melhor do que ele mesmo teria compreendido*. Tratava-se de aprimorar harmoniosamente o sistema aristotélico e refutar as contradições encontradas pelos interpretes e biógrafos de Aristóteles. Deste modo, ele apresentou sua proposta ao questionar os procedimentos metodológicos utilizados por estes últimos. Uma vez que estes, dizia ele, “quanto tropeçam com duas teses aparentemente contraditórias, sem aprofundar as investigações, consideram a existência de uma contradição real e, conseqüentemente, se perguntam qual das afirmações contraditórias deverá ser preferida na exposição de Aristóteles. No entanto, o mais fácil seria presumir que aquelas passagens poderiam ser entendidas em um outro sentido que as harmonizassem entre si. Isto importaria a vantagem de que, aquilo que à primeira vista parecia criar uma dificuldade para a compreensão, servira ainda mais para facilitá-la, pois a necessidade de justapor simultaneamente duas afirmações ao parecerem contraditórias, é um ponto central para a interpretação de uma e de outra. Além disso, talvez a explicação da coerência entre dois juízos exija certos conceitos intermediários, desocultando assim a totalidade do pensamento aristotélico de modo muito mais completo” (Brentano, 1943, p. 5-6).

que a tese aristotélica *to de on legetai men pollakchos* definia o objeto de estudo da *filosofia primeira* ao explicitar o *Ser* em seu sentido *analógico* (por referência a um).

Certamente uma análise pormenorizada precisa ser apresentada para que se torne possível elucidar a relação de identidade entre a noção de *analogia* e o objeto de estudo da *filosofia primeira*, bem como a razão pela qual Brentano considerou que esta relação (*Ser – analogia*) se constituía no fundamento ontológico do sistema aristotélico. As linhas gerais dessa elucidação serão apresentadas na última parte do presente trabalho, mas cabe aqui indicar ao menos os objetivos específicos que orientaram a tese interpretativa de Brentano acerca da definição do sentido *próprio do Ser* (objeto da *filosofia primeira*), uma vez que tais objetivos constituíram os pressupostos da própria tese interpretativa de Brentano contra Trendelenburg.

Nesse sentido, e de um modo original e para além de Trendelenburg, Brentano:

a) interpretou as *categorias* como conceitos reais;

b) interpretou o *Ser enunciado no sentido próprio das categorias* (*to on kata ta skhemata ton kategorion*), bem como o *Ser enunciado no sentido do ato e da potência* (*on dunamei kai energeia*) como *existência fora do intelecto* (*onta kath'hauto exo tes dianoias*);

e, também,

c) interpretou a *existência real em acabamento* como a *existência real possível do Ser existente fora do intelecto* (*onta kath'hauto exo tes dianoias*).

55

Interessa-nos aqui, para os propósitos desse trabalho, analisar apenas o ponto (a) acima, uma vez que pesquisando sob a orientação de Trendelenburg, Brentano assumiu a tarefa de radicalizar o fundamento ontológico que seu orientador encontrara na linguagem, tal como ele mesmo se manifestou na seguinte citação:

As categorias provêm da decomposição da ligação proposicional de generalidade mais universal, que deve existir enquanto predicados separados. A divisão não procede de uma consideração real, mas da divisão de relações gramaticais, que parece pressupor uma mesma diversidade de relações lógicas. Tal parece ser, em resumo, a interpretação de Trendelenburg, tal como ele desenvolveu mais explicitamente em seu *Elementis Logices Aristoteleae* e notadamente em sua excelente *História da Doutrina das Categorias*, após ter tentado expor em seu tratado *De Categoria* (Berlin, 1833) a origem das categorias a partir das relações gramaticais... (Brentano, 1862, p. 77)<sup>4</sup>

Com o propósito de apresentar a referida divergência interpretativa entre o mestre Trendelenburg e o discípulo Brentano, nossa análise tematizará os dois pontos seguintes:

I) A discrepância ontológica específica da crítica formulada por Brentano, a partir de Bonitz, à interpretação proposta por Trendelenburg.

<sup>4</sup> São nossas, todas as traduções das citações das obras citadas nas edições alemãs.

- II) O modo com que Brentano propôs a validade da interpretação trendelenburgueana acerca das categorias aristotélicas, como forma de garantir a validade lógica (qualitativa) de sua análise, ao afirmar o sujeito da proposição como ponto de partida para explicitação do *Ser dito no sentido das categorias*.

Em suma, portanto, a hipótese aqui sustentada nesse trabalho mostrará que, mesmo sob a orientação de Trendelenburg e à luz do seu *Zurück zu Kant*, Brentano propôs uma radicalização que pode ser caracterizada como um *Zurück zu Aristóteles*<sup>5</sup>. Tratava-se de uma radicalização pelo fato de que a análise brentaniana não se satisfazia com a *necessidade* garantida pela estrutura formal da linguagem, bem como pela explicitação desta *necessidade* por meio de uma análise lógica da proposição que relevava apenas a *necessidade quantitativa* obtida na relação entre a *forma da proposição* e os *predicamentos (categorias)*. Esta radicalização brentaniana consistiu especificamente na análise exclusiva do *sujeito da proposição (hupokeimenon)* como forma de explicitar a estrutura onto/lógico-categorial das coisas existentes (*tode ti*) fora do intelecto (*on kath'hauto exo tes dianoias*), ou seja, o *Ser no sentido das categorias* tomado na relação entre substância e categorias.

## 2 TRENDELENBURG E BRENTANO: DO ZURÜK ZU KANT AO ZURÜK ZU ARISTÓTELES

56

Em seu artigo *Zurück zu Kant*, Mário Porta (2005) apresenta detalhadamente o ponto de partida assumido pelos pensadores que mantiveram interlocuções com Trendelenburg e participaram do movimento que constituiu a filosofia contemporânea. Para a compreensão da plausibilidade da hipótese que sustentamos nesse trabalho, é imprescindível relevar os seguintes pontos da análise de Porta (2005, p. 38-41):

- 1- A relação entre os trabalhos de Trendelenburg e as diferentes linhas de investigação que compõem a filosofia contemporânea (explicitado no fato de que, influenciados por uma raiz histórica comum a qual, em última instância, remete a Adolf Trendelenburg, pensadores como Cohen, Dilthey, Brentano e Frege iniciaram as correntes filosóficas neo-kantiana, fenomenológica, hermenêutica e analítica, consideradas as mais importantes do século XIX e XX;
- 2- Os limites ontológicos e epistemológicos da proposta filosófica desenvolvida por Trendelenburg classificada como um *Zurück zu Kant* (e caracterizado pela volta ao ponto de vista da finitude – concomitante ao abandono da pretensão de “sistema”, “saber absoluto” e “saber especulativo”);
- 3- O sentido específico e as possibilidades da nova atividade filosófica orientada pelo *Zurück zu Kant*:
  - a. Onde a filosofia reformula sua relação com a ciência e concede uma atenção especial à análise e ao anti-psicologismo.

<sup>5</sup> Comparar especialmente os seguintes artigos de Porta: “*Zurück zu Kant*” (2005); e “*Franz Brentano: Equivocidad del ser y objeto*” (2002).

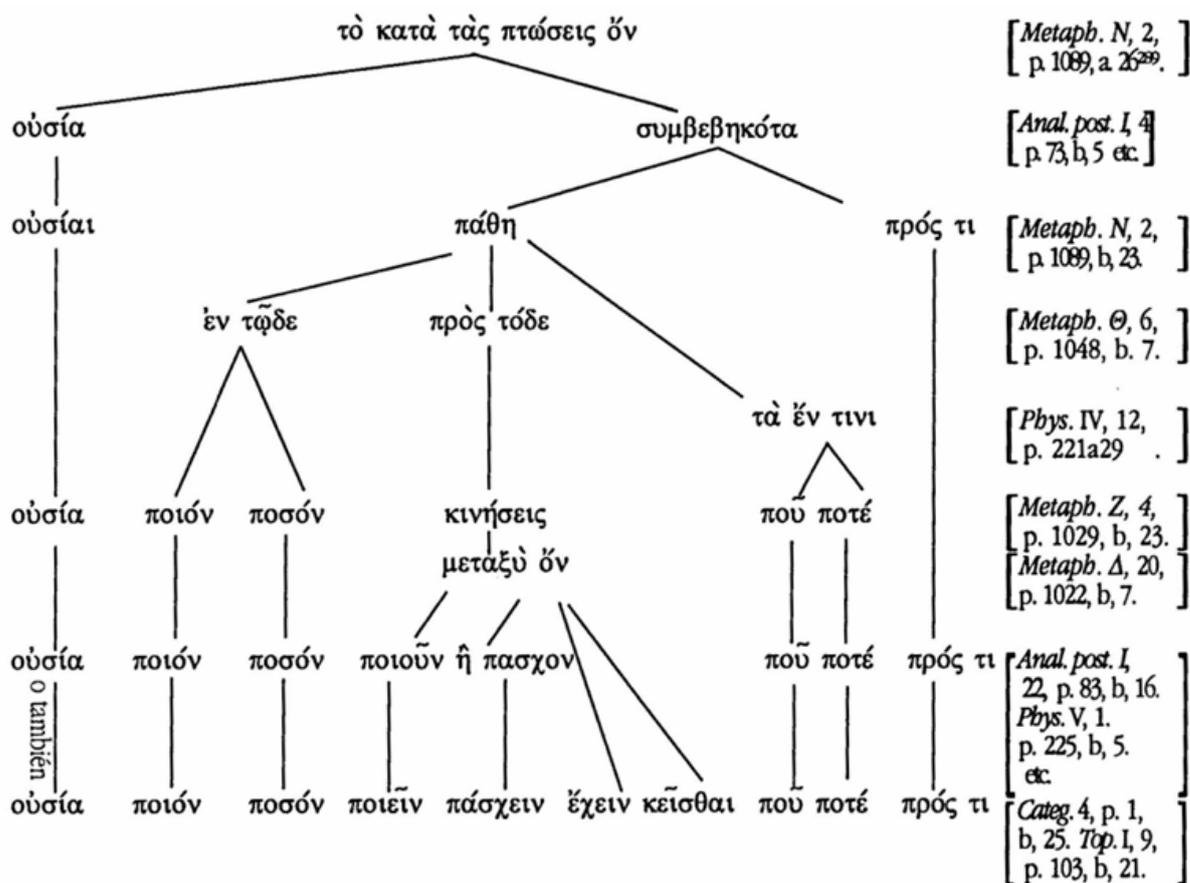
- b. Onde ocorre uma tematização da linguagem que passa a oferecer uma abertura para a semântica filosófica e permite a clarificação das relações entre lógica, linguagem e psicologia.
  - c. Onde há uma “antecipação” da teoria do terceiro reino.
  - d. Onde ocorre a formulação de uma “nova” forma de idealismo, oposta ao especulativo, que procura integrar elementos transcendentais com a perspectiva orgânico-finalista da tradição aristotélico-leibniziana.
- 4- A concepção de filosofia orientada pelo modo aristotélico de definir a questão/problema fundamental da filosofia e, deste modo, o abandono do idealismo, bem como a apresentação de um programa de pesquisa delimitados pelos critérios próprios do *Zurück zu Kant*, será norteadas por uma questão/problema ontológica gestada na sua interpretação de Aristóteles:
- a. Onde Trendelenburg propõe o renascimento da lógica clássica aristotélica vinculada à sua crítica à dialética.
  - b. Onde Trendelenburg propõe o resgate da metafísica e da psicologia do estagirita.
  - c. Onde Trendelenburg apresenta a abertura para o programa de pesquisa de Brentano, o qual seguiu fielmente os passos de Aristóteles ao fazer de sua própria filosofia uma reflexão sobre as teses do estagirita, seja como um aristotélico (primeiras fases), seja como interlocutor (última fase).

À luz dessa esquematização de Porta, podemos enfatizar o fato de que Brentano (1862, p. 72 e p. 104-105 e 1992, p. 81 e 107) tomou como boneco de palha um ponto central desenvolvido por Trendelenburg em sua obra *História da doutrina das categorias*. A saber, a indefinição acerca de quantas são as categorias.

Embora Brentano tivesse reconhecido que o livro *Categorias* fosse de autoria contestada pelos seus contemporâneos que interpretavam Aristóteles, ele valeu-se do consenso acerca do número de 10 categorias, tal como é afirmado no *Tópicos*: Substância (*ousia*); quantidade ou grandeza (*poson*); qualidade ou constituição (*poion*); relação ou relativo (*pros ti*); lugar ou onde (*pou*); tempo ou quando (*pote*); posição ou encontrar-se (*keisthai*); posse ou comportar (*ekhein*); ação ou agir (*poiein*); paixão ou padecer (*paskhein*). Além disso, afirmou ele, “uma consideração que, em compensação, é admitida é que Aristóteles ulteriormente teria renunciado tacitamente a duas das dez categorias estabelecidas, talvez em razão da velha inclinação dos pitagóricos ou dos platônicos, a saber: as categorias da posição (*keisthai*) e da posse (*ekhein*)” Brentano, (1862, p. 75 e 1992, p. 82 e 83). A solução proposta por Brentano para esta questão deve ser analisada sob dois aspectos. Há explicitamente o fato de **que** Brentano apresentou *uma definição exata do número de categorias*, bem como *sua disposição relacional e hierárquica*. Sua interpretação da tese aristotélica afirmou a existência de apenas oito categorias, seguindo o seguinte esquema.

Primeiramente, o *Ser* seria dito de modo homônimo como *substância* (*ousia*) ou como *acidente* (*sumbebekos*), neste caso a categoria da substância constituiria o primeiro dos oito modos efetivo de nomeação do *Ser*. Por sua vez, o modo acidental de enunciação homônima do *Ser* estaria subdividido no modo de enunciação segundo o caráter relacional do acidente, *relação* (*pros ti*), ou segundo o caráter absoluto do

acidente, afecção (*pathos*). Neste caso, a categoria da *relação* (*pros ti*) constituiria o último dos oito modos efetivos de nomeação do *Ser*, sendo a *afecção* (*pathos*) o modo intermediário.



O que interessa aqui, para os propósitos desse trabalho, é o fato de que a análise fundamental acerca deste ponto não deve visar o **que** Brentano afirmou, mas **como** ele sustentou sua interpretação.

A estratégia brentaniana consistiu, num primeiro momento, em agrupar os três tipos de análise possíveis apresentados pelos intérpretes de Aristóteles que se debruçaram sobre este ponto e, num segundo momento, radicalizar os pontos relevantes das interpretações propostas com o intuito de explicitar o fundamento ontológico velado. Deste modo, Brentano apresentou as seguintes classificações:

- Classificação de Brandis<sup>6</sup>, Zeller<sup>7</sup> e Strümpell<sup>8</sup>.

Segundo estes filósofos, as categorias deveriam ser concebidas como *tipo de predicação*, pois designariam o lugar assinalado para o predicado. Assim, não se trataria de conceitos reais e, não sendo conceitos reais, elas dariam apenas o “compartimento”, o “ponto de vista” ou “o lugar” a partir de onde os conceitos seriam classificados.

- Classificação de Trendelenburg<sup>9</sup>, Wartz<sup>10</sup> e Biese<sup>11</sup>.

Segundo estes filósofos, as categorias deveriam ser concebidas, não como *formas de enunciação* ou *tipos de predicação dos conceitos*, mas exatamente *como conceitos*. No entanto, não se trataria de conceitos suscetíveis de serem designados em si e por si, concebidos como simples representações do intelecto, tratar-se-ia de:

- conceitos considerados em suas relações com os juízos (na medida em que)
- eles poderiam fazer parte integrante dos juízos a título de predicado.

Este tipo de classificação implicaria, ainda, dois outros critérios fundamentais:

- as categorias originar-se-iam a partir da decomposição da ligação proposicional, que ocorre com o predicado isolado, tomado em termos gerais;

<sup>6</sup> A argumentação de Brentano que sustentaria esta interpretação se baseia nas seguintes citações do *Gesch. d. Griech-röm. Philos* (II, 2, 1, p. 394): “são as formas ou gêneros de enunciação livres e destacados da ligação proposicional, a saber, **os conceitos genéricos reais que não se encerram neles mesmos**”; e na sequência, diz ele, “as categorias estão somente ocupadas em estabelecer os pontos de vista que são preciso considerar a fim de atingir um discussão exaustiva dos pontos de vista problemáticos”. Cf. Brentano, (1862, p. 76 e 1992, p. 84).

<sup>7</sup> O argumento que propõe a inclusão de Zeller neste grupo de interpretes se sustenta nas seguintes citações extraídas do *Philos. d. Griech* (II, 2, p. 188): (a) “As categorias não pretendem descrever as coisas segundo sua constituição real, como também não pretende estabelecer os conceitos universais requeridos para este fim. Elas se restringem em estabelecer os diferentes aspectos susceptíveis de ser compreendidos em tal descrição; segundo a própria intenção do filósofo, **elas não são consideradas como provedoras dos conceitos reais, mas apenas como agrupadoras segundo as quais todos os conceitos reais estão classificados**”; (b) “As categorias não são, elas mesmas, os predicados imediatos, elas simplesmente designam os lugares determinados para certos predicados”. Cf. Brentano, (1862, p. 76 e 1992, p. 84).

<sup>8</sup> A base da referência a Strümpell está na descrição da seguinte citação do próprio Zeller: “Zeller cita Strümpell que, em sua história da filosofia teórica (p. 211), também qualifica as categorias como **tipos de predicação**, não comportando nada daquilo que é o objeto da predicação” (Brentano, 1862, p. 76 e 1992, p. 84).

<sup>9</sup> As bases da argumentação brentaniana acerca da interpretação de Trendelenburg são o tratado *De Categoria* (Berlin, 1833), o *Elementis Logices Aristoteleae e a História da Doutrina das Categorias*, de onde Brentano afirma encontrar a defesa da tese de que as categorias se originam *a partir das relações gramaticais*, sustentadas nas seguintes citações (*Gesch. d. kateg.* p. 23): “de onde resulta que as categorias aparecem como sendo os conceitos universais sob os quais caem os predicados da proposição simples... As categorias são os predicados mais universais”. E ainda, “Na medida em que, no que se refere à forma, as categorias últimas se apresentam enquanto predicados, todas as outras sem exceção são compreendidas como predicados, ainda que se restabeleça a enunciação por meio da associação da cópula que pertence à composição (*sumploke*)” (Brentano, 1862, p. 77 e 1992, p. 85).

<sup>10</sup> Diz Brentano acerca de Wartz, ele “não é hostil (a esta interpretação) em sua edição do *Organon*, ao menos onde ele reconhece que as categorias têm sua origem nas relações gramaticais” (Brentano, 1862, p. 77-78 e 1992, p. 85).

<sup>11</sup> A base da argumentação acerca da interpretação de Biese está no *Philos. D. Aristot.* (I, p. 49) “As categorias, os conceitos fundamentais do pensamento... (53) não são, portanto, em si mesmas conceitos genéricos, livres de indicar a essência e um objeto, mas são os tipos mais universais da predicação (*ta gene ton kategorion, Top I, 9*)” (Brentano, (1862, p. 76 – 77 e 1992, p. 84 - 85).

(iv) esta decomposição da *ligação proposicional* não procederia de uma consideração real, mas de uma diversidade de relações gramaticais que pressuporiam uma mesma diversidade de relações lógicas.

Um ponto de extrema relevância, indicado por Brentano, neste segundo modo de classificação é o fato de que a *substância primeira* seria concebida também como predicado<sup>12</sup>. Em outras palavras, para esclarecer o modo como os quatro critérios apresentados acima poderiam comportar também a categoria da substância, Trendelenburg precisou apresentar a inversão presente em determinados modos de predicação (ex. o branco é Sócrates) e, assim, remeter a impropriedade para o âmbito linguístico. Ainda segundo Brentano, esta estratégia ineficiente e problemática de Trendelenburg pretendia, por um lado, resguardar a coerência ontológica entre a categoria e a estrutura proposicional e, por outro lado, respaldar-se na própria tradição aristotélica ao traduzir *kategoríai* por *praedicamenta*<sup>13</sup>. De qualquer modo, tratava-se de conceito formado em sua relação com o juízo, a título de predicado (Brentano, 1862, p. 76 – 77 e 1992, p. 84 - 85).

• Classificação de Bonitz<sup>14</sup>, Ritter<sup>15</sup> e Hegel<sup>16</sup>.

Esses filósofos estariam de acordo com a segunda concepção ao negar que as categorias fossem *formas de enunciação* ou *tipos de predicação dos conceitos*, tal como definia a primeira concepção. No entanto, eles negavam de modo mais incisivo que as categorias deveriam ser concebidas como simples predicados ou mesmo que as tábuas de categorias emanassem das relações lógicas e gramaticais. Segundo a definição positiva proposta por este grupo, as categorias seriam *conceitos reais*, ou seja, “as categorias são os diversos conceitos supremos designados pelo nome genérico *Ser (on)*” (Brentano, 1862, p. 78 e 1992, p. 86).

60

<sup>12</sup> “Quanto ao fato de que a substância primeira, que só pode ser propriamente sujeito (cf. *Cat. 5, 2 a 11*), seja também considerada, neste caso, entre os predicados, Trendelenburg tenta compreendê-la argumentando que de qualquer modo ela se encontra predicada de modo impróprio, remetendo acerca deste ponto aos *Primeiros Analíticos I*, 27: [nós dizemos as vezes que *o branco é Sócrates* ou que *o que agrada é Cálias*]” (Brentano, 1862, p. 78 e 1992, p. 85).

<sup>13</sup> “Nós poderemos argumentar de igual modo que esta ideia se instituiu graças aos antigos tradutores de Aristóteles, na medida em que eles propuseram *kategoríai* como *praedicamenta* e Trendelenburg considera que as interpretações dos escolásticos, especialmente de Alexandre de Afrodísia a Porfílio passando por Alexandre do Egeu [a expressão *kategoria* é empregada a fim de indicar que ela é predicada da coisa] manifestam uma concepção similar do conceito de categoria” Brentano, (1862, p. 77 e 1992, p. 85).

<sup>14</sup> A base da argumentação brentaniana acerca da interpretação de Bonitz é o *Boletim da Academia de Ciências Filosofia e História (Cl. X, 5, p. 623)*, de onde Brentano retirou duas citações: “No sentido atribuído por Aristóteles, as categorias apresentam as diversas acepções nas quais nós exprimimos o conceito de ser. Elas designam os gêneros supremos de modo que todo ser deve necessariamente se subordinar um ao outro. Deste modo, elas se orientam a partir do domínio daquilo que é dado pela experiência”. Na segunda citação, afirma Bonitz que “o termo *kategoria* não significa apenas e nem exclusivamente que um conceito é atribuído a um outro a título de predicado. Significa, sobretudo, que um conceito é predicado ou enunciado em uma acepção determinada, sem conceber, portanto, sua relação à um outro conceito” Brentano, (1862, p. 79 e 1992, p. 86).

<sup>15</sup> As referências de brentaniana acerca de Ritter estão baseadas no “*Tomo III* de sua *História da Filosofia (Cf. Gesch. d. Philos. III, p. 77)*” Brentano, (1862, p. 79 e 1992, p. 86).

<sup>16</sup> A referência brentaniana a Hegel (*Werke XIV, p. 402*) é brevíssima e resume-se na seguinte citação “Hegel também vê nas categorias tomadas no sentido de Aristóteles **as essencialidades simples, as determinações universais**”. Brentano, 1862, p. 76 – 77 e 1992, p. 84 - 85).

Após agrupar as interpretações nos três grupos descritos acima, Brentano encontrou, especificamente na análise do conceito de *categoria* apresentado por Bonitz, a identificação dos *modos de Ser* em uma *associação* pressuposta nos *modos de enunciação* do próprio *Ser*. Esta identificação, segundo ele, teria sido exatamente o que Aristóteles indicou com as afirmações “o *Ser* se diz de vários modos” ou “em tantas maneiras pela qual o *Ser* é dito”. Tomando, portanto, essa interpretação como pedra de toque, a análise brentaniana reconheceu como ponto fundamental a *unidade da enunciação* encontrada na afirmação de Bonitz que diz “o plural *kategoriai* poderá designar, portanto, os diferentes modos de enunciação de um conceito, as diferentes significações associadas aos enunciados que ele comporta. Conseqüentemente, *kategoriai tou ontos* designará as diversas acepções associadas à enunciação do conceito de ser” (Bonitz. *Bulletin de l'Academie de Science Philosophie et Histoire*, Cl. X, 5, p. 621 apud Brentano, 1862, p. 79 e 1992, p. 86). Na mesma linha de análise, mas a título de conclusão, Brentano ainda ressaltou a interpretação de Ritter que afirmava que “por categoria Aristóteles entende os tipos mais universais do que é designado pela simples palavra” (Brentano, 1862, p. 79 e p. 86).

Já afirmamos anteriormente que Brentano utilizou a interpretação trendelenburgueana como boneco de palha para apresentação de sua própria teoria. Afirmamos também que a proposta brentaniana consistiu numa radicalização daquela apresentada por Trendelenburg. Com base no que acabamos de apresentar acerca da interpretação brentaniana de Bonitz, podemos compreender também o porquê de Brentano ter considerado como a mais precisa, entre todas as definições apresentadas pelo estagirita, a seguinte definição de categoria, “as expressões sem nenhuma ligação significam a substância, a quantidade, a qualidade etc. (Aristóteles, *Categorias* 4, 1b 25)” (Brentano, 1862, p. 80 e 1992, p. 87, grifo do autor). O ponto central da análise de Brentano estava no reconhecimento de que *categoria* não poderia ser concebida como um juízo, ou seja, um pensamento composto. Em outras palavras, tratava-se para Brentano de um conceito simples concebido à luz da estrutura própria da predicação existencial<sup>17</sup>.

Cabe agora acrescentar outro ponto. Segundo Brentano, a interpretação de Trendelenburg estava apenas limitada, pois sua resposta seria “o *Ser!*”, sempre que Trendelenburg fosse indagado por meio de uma dessas duas questões: *as categorias nos fornecem uma subdivisão do predicado ou do Ser? Ou ainda, a ousia, o poion, o poson etc., estão subordinados ao conceito de predicado ou ao Ser (on)?* (Brentano, 1862, p. 82 e 1992, p. 89).

Deste modo, importa agora avançar ao segundo ponto de nossa análise: (II) o modo com que Brentano propõe a validade da interpretação trendelenburgueana acerca das categorias aristotélicas, como forma de garantir a validade lógica (qualitativa) de sua análise, ao afirmar o sujeito da proposição como ponto de partida para explicitação do *Ser dito no sentido das categorias*.

---

<sup>17</sup> Não cabe aqui expormos os fundamentos deste pressuposto. No entanto, é preciso enfatizar que Brentano tomou por base sua futura concepção de juízo e o conceito de verdade como evidência dela resultante.

### 3 A SUBSTÂNCIA COMO UM “ISTO”, FORA DO INTELECTO, SEPARADO E DEFINIDO

Com base nesta abertura ou limite encontrado na interpretação trenbelenburgeana e com o propósito de apresentar os fundamentos ontológicos de uma interpretação que concebesse as categorias como um *enunciado simples*, Brentano assumiu como tarefa elucidar dois pontos imprescindíveis para sua interpretação do *ser enunciado no sentido das categorias*:

- Primeiro ponto: as categorias não seriam simples “compartimentos” para os conceitos, mas seriam elas mesmas conceitos reais: *Ser por si mesmo fora do espírito (onta kath’hauto exo tes dianoia)*<sup>18</sup>.

A elucidação deste ponto foi apresentada da seguinte maneira.

Primeiramente, Brentano reafirmou a distinção entre *os modos de Ser*, tal como são agrupados em função de sua existência.

1. No intelecto:
  - a. seja como *acidente (on kata sumbebekos)*;
  - b. seja como *verdadeiro (on hos alethes)*.
2. Fora do intelecto:
  - a. seja como *potência e ato (on dunamei kai energeiai)*;
  - b. seja como *figuras das categorias (on kata ta skhehemata ton kategorion)*.

E, em seguida, ele reafirmou o segundo fundamento epistemológico, ressaltando que o caráter próprio do sentido do *Ser* só poderia ser encontrado *fora do intelecto*, excluindo deste modo *todos os outros modos de enunciação do ser (inclusive as substâncias segundas)* e restringindo a definição à *substância primeira*. Assim, disse ele, se à luz desse pressuposto “não resta dúvidas sobre o fato de que o ser tratado pela *Metafísica* é um conceito, ou seja, um conceito real, visto que excluímos anteriormente que aquilo que existe simplesmente de modo objetivo no entendimento, nenhuma dúvida pode mais subsistir com relação às categorias” (Brentano, 1862, p. 82 e 1992, p. 89).

Brentano utilizou uma estratégia argumentativa para escapar do *circulum in demonstrandum*, no que se refere à distinção entre os modos próprios e os impróprios de dizer o *ser*, visto que o fundamento da sua análise se justificava exatamente a partir desta procurada definição do *Ser segundo as figuras das categorias*. Ele recorreu provisoriamente ao caráter ostensivo de várias definições apresentadas pelo próprio Aristóteles para o *Ser enunciado no sentido das categorias*, tal como esta apresentada na *Metafísica Z*, 4, 1030 b 11. “O Ser significa, pois, seja uma substância (*tode ti*), seja um *quantum (poson)*, seja um *quale (poion)*” (Brentano, 1862, p. 82 e 1992, p. 89).<sup>19</sup> Portanto,

<sup>18</sup> Esta tese é apresentada e desenvolvida na seção 2 do quinto capítulo de sua tese doutoral. Cf. Brentano, (1862, p. 82 – 84 e 1992, p. 89 – 91).

<sup>19</sup> “Da mesma maneira no *De Anima* (II, I, 412 a 6), na *Metafísica* (V, 7, 1017 a 22), (VIII, 6, 1045 a 36), (IX, 1, 1045  
 Franz Brentano para além de Adolf Trendelenburg: sobre a unidade do ser na filosofia de Aristóteles

a argumentação de Brentano assumiu como pedra de toque o caráter determinado do *Ser* (*horismos*), enunciado pela substância enquanto um isto (*tode ti*). Em outras palavras, Brentano utilizou esta relação entre o *Ser determinado* e as categorias para classificar todas as divergências acerca da própria definição de categoria como divergências meramente nominais (1862, p. 83 e 1992, p. 89).

O propósito de Brentano com a solução deste primeiro problema foi estabelecer o pano de fundo para a solução do segundo problema. Por esse motivo, a classificação das divergências acerca da definição das categorias como *divergências nominais* não consistia numa refutação da interpretação de Brandis, Zeller e Strümpell, quando analisadas à luz da concepção de *substância* como um *Ser determinado* (*tode ti*). Pelo contrário, tratava-se de uma radicalização desta possibilidade de modo que as categorias fossem, também, “compartimentos” para os conceitos, mas que não se restringissem a isto e nem mesmo se fundamentassem a partir desta noção abstrata. Em outras palavras, Brentano propôs que o modo de *enunciação do Ser segundo as figuras das categorias*, não apenas unificaria, mas também evidenciaria o fundamento ontológico – a realidade própria do ser – das diversas possibilidades de classificação que englobariam conceitos como *conceitos universais* (*koina*), *gênero* (*gene*), *categorias* (*kategoriai*), *divisão* (*diairesis*) e *caso ou modalidade* (*ptoseis*) (Brentano, 1862, p. 83 – 85 e 1992, p. 89 – 91).

De fato, este primeiro ponto analisado por Brentano tinha como função específica delinear o segundo ponto que a sua análise propusera elucidar. Pois, disse Brentano, “se como disseram, as categorias são os compartimentos onde se ajustam os conceitos, elas não se reduzem a isto, pois é preciso que elas mesmas sejam conceitos” (Brentano, 1862, p. 85 e 1992, p. 91). Em outras palavras, a análise brentaniana visava responder a seguinte questão: *como as categorias se reduzem a uma determinação real do Ser (tomado em seu caráter determinado e fora do intelecto), comportando ainda seu caráter de gênero, caso ou compartimento para os conceitos?* É a resposta para esta questão que trará a elucidação para o segundo ponto da análise. A saber:

- *Segundo ponto: as categorias são os diversos sentidos do Ser, enunciados por analogia com relação a seu sujeito, de acordo com um duplo modo: (a) analogia de proporcionalidade; (b) analogia por relação a um mesmo termo* (Brentano, 1862, p. 85 e 1992, p. 91).

Brentano reconheceu que a importância da interpretação acerca do primeiro ponto dependia da plausibilidade da interpretação deste segundo. De fato, isto é verdade, no entanto a validade deste segundo ponto não justificava apenas o ponto anterior. Dela dependia toda a interpretação brentaniana acerca da ontologia e epistemologia. Tratava-se aqui, portanto, do córtex da tese doutoral de Brentano, pois a distinção entre os modos análogos de referência – *proporcionalidade* e *referência a um*

---

b 32) e em várias outras passagens às quais nós remeteremos, ao menos em parte, ao submeter a relação entre **o ser determinado (on) e as categorias** a um exame mais aprofundado” (Brentano, 1862, p. 82 e 1992, p. 89). Conferir especialmente a seção três do quinto capítulo da tese doutoral brentaniana, onde ele levou a cabo esta análise.

*mesmo termo* – seria o pano de fundo da sua análise epistemológica acerca da *existência intencional do objeto*.

## 4 A PLURIVOCIDADE DE SENTIDOS DO SER E O PROBLEMA DA HOMONÍMIA

De acordo com a proposta brentaniana, o segundo ponto de análise apresentado acima continha três afirmações que deveriam ser analisadas separadamente e numa determinada sequência. Visto que há um encadeamento lógico entre elas, podemos dispô-las, apresentá-las e analisá-las na seguinte ordem:

- (1) a distinção entre a enunciação por sinonímia e homonímia;
- (2) o caráter genérico da enunciação por homonímia;
- (3) a distinção entre as enunciações homônimas fortuitas e homônima por referência a um mesmo termo.

Vejamos.

(1) “Que o ser subdividido segundo as figuras das categorias não é confundido com um conceito sinônimo, como um gênero se subdivide em suas espécies, mas como um *homonimon* no qual se trata de distinguir as diferentes acepções” (Brentano, 1862, p. 85 e 1992, p. 91-92);

64

A questão que se impõe de imediato indaga pela diferença entre estes dois modos de unificação apontados por Brentano no interior das categorias. Em outras palavras, o que é *sinônimo* e o que *homônimo*? Para responder esta questão, Brentano valeu-se da definição aristotélica apresentada no início do livro *Categorias*, tomando-as a partir de um aspecto específico compartilhado, pois, disse ele, “*Aristóteles repartiu em homônimos e sinônimos todas as coisas às quais um mesmo nome é atribuído*” (Brentano, 1862, p. 90 e 1992, p. 95). É de fundamental importância atentarmos para o fato de que a análise brentaniana partiu da univocidade nominal, para encontrar a distinção entre *homônimo* e *sinônimo* no modo de designação das noções próprias de cada nome.

Segundo a análise brentaniana, a definição aristotélica de *sinônimo* considerava que, “são ditas *sinônimas* as coisas que têm ao mesmo tempo identidade de nome e noção como, por exemplo, chama-se da mesma maneira de *animal* o cavalo e o boi” (Aristóteles, *Categorias*, 1, 1a 1-10 apud Brentano, 1862, p. 90 e 1992, p. 95)<sup>20</sup>. O ponto relevante desta definição, para a análise brentaniana da afirmação (1), está no fato de que esta unidade de significação, baseada nesta dupla identidade (nominal e noção), remete, em última instância, apenas a uma unidade genérica – gene - (conceito comum) incapaz de apreender a estrutura ontológica própria do *Ser* (*em sua existência determinada fora do intelecto*). Em outras palavras, segundo a enunciação por *sinônimo*,

<sup>20</sup> Os intérpretes contemporâneos de Aristóteles têm apresentado a seguinte tradução para a mesma citação analisada por Brentano: “São ditas sinônimas aquelas (coisas) que o nome é comum e que a noção (*o logos*) da substância (*tes ousia*) correspondente ao nome é a mesma” (Aristóteles, *Categorias*, 1, 1a 1-10 apud Zingano, *L’homonymie de l’être et le projet métaphysique d’Aristote*, p. 347).

sempre que duas coisas (*tode ti*) são ditas do mesmo modo, então ocorre uma restrição ao *ser universal*, próprio da categoria a qual estas coisas (*tode ti*) estão subordinadas, pois tais coisas (*tode ti*) se encontram unificadas em um gênero supremo. No entanto, as diversas categorias não se unificam entre si como *sinônimos*.

Ainda segundo a análise brentaniana, a definição aristotélica de *homônimo* considerava que “são ditas *homônimas* aquelas (coisas) que apenas o nome tem de comum, enquanto a noção (*ho logos*) designada por esse nome é diversa, como por exemplo chama-se da mesma maneira *animal* o cavalo e o cavalo pintado” (Aristóteles, *Categorias*, 1, 1a 1-10 apud Brentano, 1862, p. 90 e 1992, p. 95)<sup>21</sup>. Neste caso, haveria aqui uma identidade nominal que remeteria a uma plurivocidade de noções baseada nas próprias coisas (*tode ti*) designadas. No entanto, este tipo de modo de enunciação não comportaria qualquer estrutura unificadora da plurivocidade das coisas (*tode ti*) enunciadas.

Com base nestas definições de *sinônimo* e *homônimo*, a análise brentaniana da primeira afirmação apresentou uma distinção entre os sentidos específicos empregados por Aristóteles para os termos *Pollakos* (*plurivocidade*) e *Koina* (*comum*). *Pollakos*, por um lado, estaria no córtex da expressão *to on legetai pollakhos* e se constituiria no indicador da expressão polissêmica do *Ser*, tomada por Brentano como *homônimo* capaz de explicitar uma unidade radical por analogia. Por outro lado, *koina*<sup>22</sup> demarcaria o modo restrito de classificação das categorias, no que se refere ao modo de subordinação dos conceitos comuns ou gêneros das coisas como sinônimos<sup>23</sup>. Esta distinção encontrada na linguagem teria a função de explicitar o fundamento do pressuposto brentaniano de que os modos aristotélicos de designar a unidade categorial *fora do intelecto* deveriam ser considerados modos próprios, enquanto os modos *dentro do intelecto* deveriam ser considerados modos impróprios. Portanto, Brentano explicitou a unidade categorial por sinônimo a partir do *koina*, no intuito de demarcar a natureza e o limite deste modo de unidade (gênero ou conceitos comuns)

<sup>21</sup> Para esta definição, os intérpretes contemporâneos de Aristóteles têm apresentado a seguinte tradução para a mesma citação analisada por Brentano: “São ditas homônimas aquelas (coisas) que apenas o nome tem de comum, a noção (*ho logos*) da substância (*tes ousia*) correspondente ao nome sendo diferente” (Aristóteles, *Categorias*, 1, 1a 1-10 apud Zingano, *L’homonymie de l’être et le projet métaphysique d’Aristote*, p. 347).

<sup>22</sup> Brentano reconheceu que, segundo Aristóteles, o termo *Koinon* possuiria um significado lato e um significado estrito. No entanto, o sentido atribuído para este termo explicitaria, também a distinção entre a *unidade por gênero* e a unidade por *analogia por referência à um mesmo termo*. Assim, disse ele, “No sentido lato, aquilo que é Um por analogia (*koinon kat’ analogian*) embasa *Koina*” (...) No entanto, o uso terminológico mais difundido em Aristóteles restringe os *Koina* aos sinônimos, dando ao *koinon* o sentido de um conceito comum [ou de princípio universal]. As categorias são chamadas de *koina* no sentido restrito (...)” Brentano, (1862, p. 99 1992, p. 102)

<sup>23</sup> Brentano tomou a seguinte citação como fundamento de sua interpretação: “Nós consideramos as categorias, no decorrer dos parágrafos precedentes, em suas relações ao ser a que elas são subordinadas e que as designam em comum, mesmo que ele não lhes seja comum no sentido próprio. Sua unidade é a unidade por analogia e nada pode lhes ser atribuída do mesmo modo (*hosautos: Mét. Z, 4, 1030 a 32*) como sinônimo. E, já está demonstrado, não existe um conceito superior de sinônimo. Nós nos deparamos agora com a consideração da relação entre as categorias e as coisas que lhes são subordinadas e aqui nós reconhecemos, de modo contrário, que todas as coisas que pertencem à mesma categoria são sinônimos. As categorias são, neste sentido, os conceitos comuns (*koina*) e os gêneros (*gene*) das coisas” (Brentano, 1862, p. 98 – 99 e 1992, p. 102).

e, conseqüentemente, explicitar a unidade categorial por homônimo a partir do *pollakos*<sup>24</sup>. Em outras palavras, embora as categorias fossem designadas como *koina* (conceitos comuns ou gêneros) a unificação que lhe é própria, enquanto *Koina*, seria apenas a unificação das diferenças específicas que a elas se subordinariam, tal qual uma unidade por sinônimo<sup>25</sup>. Deste modo, Brentano reconheceu os sinônimos como modo de unificação própria da atividade intelectual que, tomados como gêneros ou conceitos universais, unificariam as espécies que a eles se subordinariam. Sendo este o sentido das categorias como gêneros agrupadores das espécies a elas subordinadas, elas estariam destituídas do estatuto ontológico fundamental a partir deste modo de enunciação. Pois, este estatuto estaria remetido ao *pollakos*.

(2) “Que o ser remetido as diversas categorias, o faça de modo homônimo, não representa, no entanto, um homônimo puramente fortuito (*apo tukhes homonumon*), mas antes convém buscar uma unidade de analogia” (Brentano, 1862, p. 85 e 1992, p. 91-92);

Ao remeter a análise acerca do estatuto ontológico da enunciação do *Ser* para o âmbito da enunciação por *homônimo*, Brentano seguiu o procedimento clássico, adotado pela tradição de intérpretes de Aristóteles desde a compilação dos primeiros textos (Zingano, 1989). Este procedimento clássico se orientou por dois postulados.

66

- i) Por um lado, o termo *pollakos* não significava apenas que qualquer coisa seria enunciada de muitos modos, ou seja, de muitos modos e a respeito de vários objetos, mas ainda segundo acepções diversas do mesmo termo. Em outras palavras, o *Ser* não se enunciava simplesmente como um *homônimo* tomado no sentido apresentado acima, mas também segundo as acepções de um mesmo termo.
- ii) Por outro lado, pela necessidade de se definir este modo *pollakos legomenon* do *ser*, valendo-se da estratégia argumentativa de situá-lo entre a enunciação por *sinonímia* e *homonímia*. Em outras palavras, não se tratava de apresentar a nomenclatura atribuída ao modo de enunciação do *Ser* que definia o *pollakos legomenon*, mas se

<sup>24</sup> O argumento brentaniano está baseado nas seguintes citações: “*Dissipando mais ainda toda a ambigüidade possível, Aristóteles define os gêneros (gene) como categorias. O gênero é sempre um sinônimo, como nos ensina expressamente o livro IV [6, 127 b 6] dos Tópicos [“O gênero é predicado sinonimamente de todas as espécies”], e é por isso que nós vimos mais acima que o Ser (ón) e o Um (hén) não poderiam ser chamados de gênero, e que aquilo que eleva a partir das diversas categorias não possui um gênero comum. Mas, por sua vez, as categorias se constituem em determinados gêneros para tudo o que lhe está subordinada. É isto que indica de modo preciso essas mesmas passagens, ressaltando a cada vez a unidade e sublinhando o fato de que aquilo que não pertence à mesma categoria, não pertence ao mesmo gênero; é isto que exprime sem equívocos ao capítulo 3 do livro X [1054 b 35] da Metafísica: Um difere segundo o gênero, enquanto o outro pertence à mesma categoria”* Brentano, (1862, p. 100 e 1992, p. 103. Grifo do autor).

<sup>25</sup> Brentano sustentou sua interpretação argumentando que “o livro VIII da *Metafísica* professa igualmente que o ser não é suscetível de ser contraído em um gênero, nem decomposto em espécies segundo as diferenças específicas, mas que sua aceção o torna imediatamente tanto uma substância, tanto uma qualidade, tanto uma quantidade, etc., e no livro da *Metafísica* o *ov* é qualificado como expressão indeterminada à qual apenas as categorias dão um conteúdo” (Brentano, 1862, p. 88 e 1992, p. 93-94).

tratava de estabelecer a estrutura do modo de enunciação que não fosse nem *sinônimo* e nem *homônimo* propriamente dito.

As soluções apresentadas pelos intérpretes de Aristóteles comportam duas alternativas intrinsecamente ligadas. Seja ela:

- i) A afirmação de que o *Ser* se enunciaria como um terceiro elemento entre a *sinonímia* e a *homonímia* e, embora não fosse *sinônimo* ou *homônimo*, explicitaria sua estrutura onto/logico-categorial por meio da relação entre *linguagem*  $\Leftrightarrow$  *logos/ousia*.

Ou ainda:

- ii) A afirmação de que o *ser* se enunciaria como um tipo diverso de *homônimo*, sendo assim um modo de enunciação mais ou menos próximo da *homonímia* ou *sinonímia* capaz de explicitar a estrutura onto/lógico-categorial por meio da relação entre *linguagem*  $\Leftrightarrow$  *logos/ousia*.

Os comentadores contemporâneos têm classificado essas distinções como versão moderada ou versão forte<sup>26</sup> e Brentano pode ser considerado um partidário da versão moderada. O exemplo tomado de *Categorias* utilizado na análise que permite a divergência entre os intérpretes é o mesmo exemplo utilizado por Brentano. A divergência consiste basicamente numa dupla interpretação para *zoon o te antropos kai to yeyrammenon*. Como *zoon* pode significar (a) o animal ou (b) a pintura, pode-se entender que ele designa ou (i) homem e pintura (não necessariamente de um homem) ou (ii) o homem e a pintura (de um homem).

A interpretação (i) é adotada pelos defensores da versão forte e propõe que Aristóteles não estaria se valendo da *homonímia* uma vez que não se trataria da pintura de um homem. De modo objetivo, a versão forte reconhece a plurivocidade de sentidos vinculados a uma identidade nominal, mas afirma que o conceito de *homonímia* não explicita qualquer relação entre as noções das substâncias designadas pelo mesmo nome. Neste caso, o modo de enunciação do *Ser* (que explicita a estrutura onto/logico-categorial por meio da relação entre *linguagem*  $\Leftrightarrow$  *logos/ousia*) é um elemento intermediário que não pode ser definido como *homônimo*.

A interpretação (ii) é assumida pelos adeptos da versão moderada, pois afirmam que se trata de um caso composto dos seguintes elementos: (a) nomes comuns; (b) noções distintas; (c) existência de determinadas relações entre as noções, ainda que não apresentem relações de identidade. A versão moderada também reconhece a plurivocidade de sentidos vinculados a uma identidade nominal. No entanto, afirma a existência da enunciação de determinadas relações entre as diversas noções designadas pelo mesmo nome. A base desta corrente interpretativa está no fato de que determinadas passagens, como esta citação a seguir encontrada em *Physica VII 4*, são

<sup>26</sup> Acerca da versão forte de *homonímia*, conferir Hintikka (1959, p. 137-151). Acerca da versão moderada de *homonímia*, conferir Zingano (1989, p. 348-352).

tomadas como expressão clara e objetiva dos graus de homonímia, pois afirmam que acerca “dos homônimos, alguns são muito distantes uns dos outros, outros tem uma certa semelhança, outros ainda são muito próximos (*eggus*) seja pelo gênero, seja por analogia, razão pela qual eles não parecem ser homônimos, uma vez sendo” (Aristóteles, *Physica*, VII 4, 249a 23-25 apud Zingano, 1989, p. 349). A proposta de investigação dos intérpretes que seguem esta versão se compromete, assim, com a necessidade de explicitar as acepções do modo *homônimo intermediário*<sup>27</sup> de enunciação do *Ser*, encontradas entre o *sinônimo* e o *homônimo* (que, seguindo a definição brentaniana, classificaremos a seguir como *homônimo fortuito - apo tukhes homonumon*).

(3) “Enfim, que esta analogia é dupla, sendo não apenas analogia de proporcionalidade, mas ainda por relação a um mesmo termo” (Brentano, 1862, p. 85 e 1992, p. 91-92).

Como partidária da versão moderada, a análise brentaniana classificou, primeiramente, o modo de enunciação *homônima do ser* como *homônimo fortuito (homonuma apo tukhes)*, tomando-o como radicalmente oposto ao modo *sinônimo* de enunciação do ser. Em segundo lugar, Brentano enfocou a *unidade por analogia* como acepção própria dos *homônimos intermediários*, ou seja, como sentido em que a unidade de noção e substância pode se enunciar<sup>28</sup>. Por fim, Brentano explicitou, a partir desta *unidade enunciada por analogia*, a distinção entre os modos de enunciação *homônimos* baseados na *analogia de proporcionalidade* e os modos de enunciação *homônimos* baseados na *analogia por relação a um mesmo termo*. Portanto, a questão que se coloca agora indaga tanto (a) pelos aspectos específicos da interpretação brentaniana acerca

<sup>27</sup> Uma classificação exaustiva dos diversos modos de enunciação por *homonímia*, tal como foram analisados pelos intérpretes contemporâneos de Aristóteles, é apresentada por Zingano da seguinte forma:

(1) *Homônimo total ou por acaso (homonumos apo tukhes)* – afirmado a partir da análise de *EN I 4*, 1096b 26-27 e, também, *EE VII 2*, 1236b 25-26, trata-se da *homonímia* por excelência definida também como *pampan legetai homonimos*. No entanto, no que se refere aos propósitos aristotélicos de formulação de uma filosofia primeira, este tipo de homonímia é apontado apenas para ser excluída.

(2) *Homônimo por semelhança* – Afirmado a partir do caso acima citado (o homem e sua imagem pintada são definidos como homem de modo homônimo), este tipo de *homonímia* enuncia um vínculo em função de aspectos exteriores semelhantes.

(3) *Homônimo por semelhança* comporta, ainda, os casos citados de *EE VII 2*, 1236b 25-26 e exemplificado a partir da definição de movimento anímico. Análogo aos casos das pinturas, os órgãos decepados ou destituídos de sua função enunciam um vínculo com os órgãos animados em função de aspectos semelhantes. Assim, um homem morto é um homem por homonímia (*Meteorologia IV 12*, 389b20ss; *Política I 2*, 1253a 20 - 255), uma mão cortada é uma mão por homonímia (*Metafísica Z 11*, 1036b 30-32), do mesmo modo, um olho cego é um olho por homonímia tal qual a pintura de um olho é um olho por homonímia (*De Anima II 1*, 412b 17-22).

(4) *Homônimo de grande proximidade ou parentesco (homonumos suneggus)* – Afirmado a partir da análise de *EN V 2*, 1129a 27 (onde justiça e injustiça são consideradas homônimos de grande proximidade, razão pela qual os homônimos passam sempre despercebidos) este tipo de homonímia um vínculo em função do “parentesco” mais ou menos próximo existente entre as noções. Cf.: Zingano (1989, p. 346-356).

<sup>28</sup> “Se esta unidade mais restrita de gênero não remete ao Ser, tal qual ele se refere às diferentes categorias, a unidade que lhe é atribuída por Aristóteles é aquela de analogia, a qual se entende de modo mais amplo e engloba também os *homōnuma*” (Brentano, 1862, p. 88 - 89 e 1989, p. 94).

do texto de Aristóteles, bem como (b) pelos fundamentos ontológicos explicitados a partir desta análise.

## 5 A ANALOGIA POR REFERÊNCIA A UM COMO MODO FUNDAMENTAL DE ENUNCIÇÃO DO SER

A chave da interpretação brentaniana do conceito de *analogia* estava na análise que ele apresentou acerca de uma passagem da *Metafísica* V, 6, 1016 b 31 (*Peri ton posakhos – Acerca das múltiplas acepções*), onde Aristóteles definia a estrutura de subordinação dos modos de enunciação do *Ser*<sup>29</sup>. Segundo Brentano, o modo de enunciação menos abrangente seria o individual, onde o ser seria explicitado em função de sua individualidade material. Este modo de enunciação seria imediatamente abrangido pelo modo de enunciação da espécie, onde o ser seria explicitado por meio de uma única definição. Um modo de enunciação com amplitude intermediária, e que compreende imediatamente a enunciação da espécie, seria aquele que enuncia o ser em função do gênero, onde o ser seria explicitado em função da figura da categoria que se encontra subordinado. Finalmente, o modo de enunciação de maior amplitude seria a enunciação por analogia, onde o ser seria explicitado por meio da proporcionalidade existente entre duas relações (uma primeira coisa “como as penas” está para uma segunda “as aves”, assim como uma terceira “as escamas” está para uma quarta “os peixes”)<sup>30</sup>.

A hierarquia estabelecida entre estes modos de enunciação decorreria imediatamente da maior ou menor abrangência existente entre eles, no que se refere à enunciação do *Ser*. No entanto, é fundamental ressaltarmos que esta amplitude de abrangência não poderia ser entendida como grau de universalização, pois isto remeteria toda a análise para o âmbito exclusivo do intelecto. Pelo contrário, Brentano pretendia encontrar na definição aristotélica de analogia a unidade que se constituiria como fundamento de todos os modos de enunciação do *Ser*, onde a enunciação do indivíduo, da espécie e do gênero seriam casos particulares. Deste modo, Brentano estabeleceu como sentido fundamental da interpretação do conceito de *analogia* a definição apresentada por Aristóteles em *Metafísica*, IV, 2, 1003 a 33, onde o estagirita considerava que:

o *Ser* é dito de muitos modos, mas em sua relação a Um e a uma única natureza, e não de modo homônimo, assim como tudo o que é são se

<sup>29</sup> Brentano remeteu também à *Metafísica* V, V, 6, 1016 b 31 (“Existe um termo análogo em cada uma das categorias”) e ao *De Partibus Animalum* I, 5, 645 b 26 (“Uns tem uma comunidade segundo analogia, outros segundo o gênero e outros segundo a espécie”).

<sup>30</sup> “O que é um, o É, segundo o número (individualmente), ou segundo a espécie, ou segundo o gênero ou por analogia; segundo o indivíduo, são os seres nos quais a matéria é uma; segundo a espécie, os seres nos quais a definição é uma; segundo o gênero, aqueles que se referem à mesma figura das categorias; e por analogia todas as coisas que estão umas para as outras como uma terceira coisa está para uma quarta. Os modos posteriores implicam sempre os modos anteriores. Por exemplo: o que é um segundo o indivíduo também o é segundo a espécie, enquanto o que é segundo a espécie nem sempre é segundo o indivíduo; aquilo que é segundo a espécie também o é segundo o gênero, mas o que é segundo o gênero nem sempre o é segundo a espécie, ele o é apenas por analogia; enfim, o que é por analogia não é sempre segundo o gênero” (Brentano, 1862, p. 89 e 1992, p. 94).

relaciona à saúde – tal coisa porque a conserva, tal outra porque a produz, tal outra ainda porque é o sinal de saúde, tal outra ainda porque é capaz de recebê-la – ou ainda como o medicinal se refere à medicina etc. (Brentano, 1862, p. 89 e 1992, p. 94).

Deste modo, a enunciação própria do ser em seu sentido fundamental seria aquela explicitada pelo *homônimo por analogia*, cujo sentido Brentano afirma já ter sido profundamente analisado por Trendelenburg em sua obra *História da doutrina das categorias*.

## 6 A CRÍTICA AO CONCEITO TRENDELENBURGEANO DE ANALOGIA DE PROPORCIONALIDADE

A interpretação trendelenbugeana foi analisada por Brentano por meio da seguinte estratégia. Primeiramente, Brentano apresentou a principal definição da *enunciação do Ser por analogia* referindo-se à análise trendelenbugeana de uma passagem da *Ética à Nicômaco*, onde “a analogia no sentido primeiro e original do termo é, segundo ele (Trendelenburg), qualquer coisa de quantitativo, é a proporção matemática e sua essência consiste numa igualdade de relações (*isotes logon*)” (Aristóteles, 1985, V, 6, 1131 a 31). No entanto, segundo Brentano, a profundidade da análise trendelenbugeana estaria no fato de ter reconhecido indiretamente que “uma proporção é possível também no domínio da qualidade, e isto pode ser esclarecido a partir da seguinte passagem da *Ética à Nicômaco*: o que a visão é para o corpo, o espírito é para a alma” (Aristóteles, 1985, V, 6, 1131 a 31). E aqui a análise tangenciaria a enunciação própria do Ser, pois embora Trendelenburg não tivesse ressaltado expressamente, Brentano considerou que *duas passagens citadas por ele demonstrariam que existem dois tipos de proporção qualitativa explicitadas no modo de enunciação polissêmico que dá conta da unidade do ser*.

No primeiro caso, uma única qualidade de mesmo grau ou de graus diferentes seria atribuída a sujeitos diferentes (pois aqui a qualidade admitiria o mais e o menos – *to mallon kai to hetton*). No entanto, Brentano considerou que esta analogia se constituía como uma comparação quantitativa, segundo a medida, não se tratando de quantidade enquanto quantidade (*kata to poson hei posón*), mas de quantidade de força ou outro tipo de quantidade. Pois se tratava de uma comparação mensurável do seguinte tipo: se o corpo A é mais quente que o corpo B e o corpo B é mais quente que o corpo C.

No segundo caso, qualidades diferentes se referem do mesmo modo a muitos sujeitos. Tratava-se da enunciação analógica do Ser que poderia ser exemplificada com a frase ‘isto é tão quente quanto aquilo é branco’. Para Brentano, apenas esta última seria a analogia a qual Aristóteles teria nomeado expressamente com este nome, ou seja, um modo de unificação do Ser mais abrangente que o *koinon*, capaz de fundar uma comunidade entre as diferentes categorias<sup>31</sup>. Por isso, ressaltou ele a afirmação

<sup>31</sup> Comparar com a seguinte citação de Aristóteles: “De fato, todos os gêneros que diferem entre eles por um excedente, ou seja, por um mais ou um menos, são reunidos em um mesmo gênero, enquanto **aqueles que** Franz Brentano para além de Adolf Trendelenburg: sobre a unidade do ser na filosofia de Aristóteles

aristotélica de que *em cada uma das categorias do Ser existe um termo análogo*<sup>32</sup>. No entanto, Brentano afirmou que este ponto escapou à minuciosa análise de Trendelenburg e, portanto, impôs a demanda de uma análise radical que fosse fidedigna aos exemplos analisados pelo próprio Aristóteles<sup>33</sup>.

Segundo Brentano, o elemento apontado no modo de enunciação que explicitaria esta *unidade por analogia* não seria uma proposição bem formada, mas o *parentesco conceitual* ou *a semelhança de família*<sup>34</sup>. No intuito de explicitar os fundamentos aristotélicos que sustentariam esta afirmação, Brentano apresentou a seguinte crítica à proposta trendelenburgueana.

Consequentemente, nós consideramos que além do modo de *analogia* reconhecido por Trendelenburg, precisamos nos deter um segundo naquilo que vem ocupar também esta posição intermediária vaga entre a sinonímia e a homonímia. Este outro modo de analogia consiste também aqui no parentesco das coisas heterogêneas, que possuem o mesmo nome *kat' analogian* e não *apo tukhes*, mas o parentesco explicitado aqui difere radicalmente daquele já evocado. Se os *análoga* que nós consideramos atestavam, não obstante a diversidade de conceitos, uma igualdade de relação, agora nós estamos na presença de uma relação fundamentalmente diferente, mas de uma relação que não deixa de ser relação a um mesmo conceito como termo, de uma

71

---

**apresentam relações de analogia** são classificados a parte. Quero dizer, por exemplo, que um pássaro difere do outro pelo mais, ou seja, pelo excedente (uns tem grandes asas e outros pequenas asas) enquanto o peixe difere do pássaro por analogia (a pena é para o pássaro aquilo que a escama é para o peixe)" (*De Partibus Animalium*, I, 4, 644, a 16).

<sup>32</sup> Conferir especialmente última parte da seção 3 do quinto capítulo (Brentano, 1862, p. 88-98 e 1992, 94-102).

<sup>33</sup> "Os exemplos aos quais Trendelenburg remete apresenta a analogia como uma proporção qualitativa, ao passo que os exemplos dados por Aristóteles para ilustrar o modo como o Ser é atribuído às categorias *kat' analogian* não explicitam nada disto. Se a dieta é dita *sã* porque ela mantém em boa saúde, a razão da participação deste nome não é manifestamente a ocorrência de uma proporção no sentido próprio, onde o outro termo seria o corpo dito *são* no sentido primeiro, ainda que esta razão seja apropriada para a relação para como o corpo *são* em uma relação assim instituída. Do mesmo modo a medicina, dita *sã* porque produz a saúde, ou mesmo a maquiagem, porque ela sinaliza de uma boa saúde. Todas estas acepções se referem à saúde, e por isso umas às outras, mas sem entrarem numa série proporcional. Pois em toda proporção digna desse nome, o segundo termo deve ser igual ao quarto assim como o primeiro é igual ao terceiro, se  $a:b = c:b$  então  $a = c$ . É por isso que a relação entre o que torna *são* e o que parece *são* para com a saúde não constitui em si mesma uma proporção" (Brentano, 1862, p. 94-95 e 1992, p. 98 -99).

<sup>34</sup> Este duplo modo de analogia foi apontado peço francês, contemporâneo de Brentano, Felix Ravaisson que teve seu *Ensaio sobre a metafísica de Aristóteles* (Paris, Vrin, 1837) coroado pela Academia de Paris. Brentano citou a interessante consideração de Ravaisson (p. 357) "não é, pois, em um gênero superior que se unem as categorias, nem em uma participação comum a um único um único e mesmo princípio ou a uma única e mesma ideia. Elas se unem como as quatro causas **em uma relação comum com um único e mesmo termo** e é esta relação que os torna objetos de uma única e mesma ciência (...) mas existem relações de uma **natureza completamente diferente** que estabelecem entre as diversas categorias um tipo de parentesco, são as oposições do ser ...", e cita ainda (p. 363) "Os dois membros contrários de cada oposição diferem pois necessariamente em cada uma das categorias, como o próprio ser em cada um de seu gêneros. Mas mesmo que também seja para todos os seres, para todos é a mesma oposição: os termos são diversos, mas a relação idêntica ... As oposições estabelecem, pois, entre eles dez gêneros do ser **das igualdades de relações, das proporções, das analogias: três termos sinônimos**" (Brentano, 1862, p. 98 e 1992, p. 101).

relação à mesma *arkhe* (*hapan pros mian arkhen - Met. IV, 2*) (Brentano, 1862, p. 95 e 1992, p. 99).

Brentano considerou que a análise trendelenburgueana não explorou devidamente a diferença entre tais *análoga* e os *sinônimos*<sup>35</sup>. Pois a interpretação de Trendelenburg não apreendeu a sutil diferença entre uma *enuniação do Ser* descrita pelos termos *kath' hen* (*segundo um ou unitário*) e *pros hen* (*em vista de um ou em relação a um*)<sup>36</sup>. Em outras palavras, o *homônimo por analogia* seria definido, ainda, de um modo específico que o aproximaria da própria sinonímia, pois *pros hen* explicitaria *unidade do Ser*, que embora não fosse uma noção única, consistiria numa unidade classificada por Brentano de *semelhança de família*.

Consideramos seguramente que entre as coisas que possuem apenas identidade nominal, não possuindo identidade de noção, ou seja, entre os homônimos, aqueles que são compreendidos como *análoga* se distinguem das coisas nas quais os homônimos são puramente fortuitos (*apo tukhes homonuma*) ou menos homônimos, sendo por isso mesmo totalmente excluído dos homônimos no sentido estrito do termo. Eles quase se aparentariam aos sinônimos, pois além do nome que possuem em comum, existe entre eles, se não uma comunidade, ao menos um parentesco conceitual, uma identidade na falta de similitude, uma igualdade de relação na falta de uma igualdade de essência. Existem certas diferenças entre o homônimo segundo o qual Marte é ao mesmo tempo um astro e o deus da guerra e aquele que faz com que chamemos de rei o primeiro dos homens, a águia entre os pássaros, tal figura sobre o tabuleiro etc. (Brentano, 1862, p. 93-94 e 1992, p. 97).

72

Em síntese, radicalizando a interpretação de Trendelenburg e à luz do sentido estabelecido pelo termo aristotélico *pros hen*, Brentano demarcou uma dupla estrutura da relação categorial. Em outras palavras, ainda que o Ser não pudesse ser compreendido como sinônimo entre as diferentes categorias e ainda que não estivesse destituído de uma similitude proporcional, o que fundaria ontologicamente sua unidade seria a referência a um mesmo termo. Ainda segundo Brentano, esta unidade por referência a um, que passou despercebida na análise trendelenburgueana<sup>37</sup>,

<sup>35</sup> A questão/problema colocada por Brentano tinha uma especificidade que a questão/problema trendelenburgueana não colocava e disso decorria a divergência de suas teses. Em outras palavras, Brentano entendeu que a unidade expressa na *plurivocidade* é radical e, por isso, recusou a enuniação baseada na homonímia de proporcionalidade, onde não existiria uma unidade de enuniação decorrente da identidade de proporção. “quanto aos *análoga*? Qual será para eles o modo de subdivisão da unidade que lhe é própria e que, por mais imperfeita que ela seja, não se trata apenas de uma simples identidade nominal, mas corresponde a uma posição intermediária entre o homônimo e o sinônimo?” (Brentano, 1862, p. 108 e 1992, p. 110).

<sup>36</sup> Brentano remeteu o fundamento desta argumentação à *Met. IV, 2, 1003 b 13* (Brentano, 1862, p. 95 e 1992, p. 99). Sobre os debates acerca da tradução o termo *pros hen* entre os aristotélicos antigo, moderno e contemporâneos, conferir Zigano, (1998, p. 352 – 356).

<sup>37</sup> Brentano aponta a superficialidade da analogia por similitude adotada por Trendelenburg nos seguintes termos: “visto que Aristóteles classifica os *análoga* de similitude ou proporcionalidade como predicados homônimos no sentido próprio, eu confesso não ver diferença essencial entre os *análoga* por similitude e os *homonuma*, tendo em vista sua separação nas coisas compreendidas com esses termos. Pois a unidade de similitude trai por definição uma diferença entre os termos que se tornam os mesmos apenas proporcionalmente

explicitaria o fundamento ontológico da própria unidade por analogia de proporcionalidade. Portanto, ainda quando Trendelenburg propôs o exemplo em que “homem se relaciona ao seu *Ser* substância (ousia), o branco se relaciona ao *poion* como o seu *Ser* correspondente e, ainda, que o número sete se relaciona ao *poson* etc.”, a unidade por referência a *Um mesmo termo* seria a relação fundamental da estrutura ontológico/categorial<sup>38</sup>.

Em sua análise comparativa de ambas as interpretações, disse Brentano, “nas passagens que nós acabamos de citar, nosso autor não sublinhou que as categorias são designadas como *Ser* de um modo comum, pois para Trendelenburg, aquilo que emerge de uma categoria se refere a um conceito de *Ser*, como o que emerge de outra categoria se refere a um outro conceito de *Ser*” (Brentano, 1862, p. 94 e 1992. p. 98). No entanto, sustentou ele, uma correta exposição do pensamento aristotélico orienta-se pela declaração (em *Met. IV, 2, 1003, a 33*) de que “o *Ser* se toma em múltiplas acepções, mas em sua relação a uma única natureza” (Brentano, 1862, p. 94 e 1992. p. 98) e, apresentando sua interpretação para esta citação aristotélica, Brentano acrescentou ainda que “este *Um ou esta natureza única* não é outra coisa que a substância, como se manifesta imediatamente do contexto de *Met. Z, 1, 1028 a 10*” (Brentano, 1862, p. 94 e 1992. p. 98), onde Aristóteles afirma que “alguns são ditos *Ser* porque são a substância, outras porque são as afecções da substância etc.” (Brentano, 1862, p. 94 e 1992. p. 98).

O exposto neste trabalho é suficiente para apresentar a interpretação proposta por Brentano, com Trendelenburg e para além de Trendelenburg, acerca do fundamento onto-lógico/categorial das múltiplas acepções do ser em relação a uma única natureza. Cabe, ainda que seja como consideração final, indicar a relevância dessa tese interpretativa proposta por Brentano para a sua tese doutoral, uma vez que ela se vale dessa interpretação para demonstrar a unidade da filosofia aristotélica como um sistema.

73

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição que fizemos da crítica de Brentano à Trendelenburg constitui o pano de fundo para a compreensão da tese brentaniana enunciada na seguinte citação (que também deve ser considerada um dos pilares do seu trabalho doutoral acerca de Aristóteles).

---

falando. E considerando apenas a diversidade dos conceitos que são a matéria dos termos desta proporção qualitativa, resta apenas a distinção entre as diversas acepções do nome comum, como é o caso para os puros homônimos, no sentido por exemplo onde a alma de um animal difere da alma de uma empresa”. (Brentano, 1862, p. 108 -109 e 1992, p. 110).

<sup>38</sup> Embora este não seja o nosso propósito, cabe mencionar que Brentano apresenta uma contribuição direta para a abertura indicada por Zingano no que se refere a uma análise mais aprofundada acerca da comparação entre Aristóteles e Wittgenstein, tal como ele afirma ter sido proposta por G. E. Anscombe (*Three Philosophers, Ithaca*, 1961. Pg. 45 – 46). “Uma vez que para Aristóteles a predicação essencial exprime aquilo que é propriamente o sujeito em questão, para Wittgenstein, ainda que existam substâncias – os objetos nomeados pelas proposições -, resulta que as proposições podem exprimir apenas como as coisas são e não aquilo que elas são, a menos que as proposições que mostrassem aquilo que elas são fossem de uma estrutura lógica diferente das proposições que mostram como elas são, o que não é o caso” (Zingano, 1998, p. 339).

com a *analogia por referência a um mesmo termo* ocorre exatamente o contrário. Estes análoga são efetivamente *pros hen kai mian phusin*, dado que não são *kath' hen*. Este *hen* é uma unidade efetiva, é **uma unidade radical tanto para o conceito como para a essência** (grifo nosso). Por essa razão nós poderemos definir estes análoga dizendo, a respeito deles, que eles unicamente formam *Um* na relação com seu termo comum e diferem apenas pelo modo com que eles se referem respectivamente a este termo. De onde resulta imediatamente o tipo de classificação que eles definem: segundo o modo a cada vez diverso pelo qual eles se referem ao seu termo comum (Brentano, 1862, p. 109 e 1992, p. 110).

Ao sustentar sua interpretação, Brentano assumiu a tarefa de explicitar a base ontológica do sistema aristotélico, apresentando uma interpretação que corroborasse esta interpretação linguístico-semântica. Em outras palavras, tudo o que foi estabelecido acerca da enunciação do *Ser*, como uma unidade de sentido referencial a um mesmo termo (*pros hen*), precisou ser explicitado a partir de uma interpretação coerente acerca da relação entre a substância e as demais categorias. Nestes termos, apontou Brentano o seu ponto de partida:

Nós esperamos chegar à mesma conclusão (que as categorias são tantos modos de enunciação do ser, diferentes mas aparentados) e obter o mesmo resultado acerca do conceito de categorias enquanto **gêneros superiores**, partindo da doutrina aristotélica sobre a relação que **gênero e diferença específica** estabelece com **a matéria e a forma** (Brentano, 1862, p. 110 e 1992, p. 111).

74

A tese interpretativa brentaniana propôs uma correspondência entre a análise linguístico-semântica e a análise ontológica, tendo como base, disse Brentano, aquilo que seria enunciado, sem qualquer ambiguidade, no capítulo 37 do livro I dos *Primeiros Analíticos* “a existência disto naquilo (...) deve ser tomada em tantos modos quanto existem categorias” (Brentano, 1862, p. 109 e 1992, p. 110). Brentano considerou que esta tese poderia ser interpretada com o seguinte enunciado “existem tantas categorias quanto existem modos para as coisas existirem em um sujeito”, ou seja, “modos de se referirem à substância primeira, que é o sujeito último de todo ser” (Brentano, 1862, p. 113 e 1992, p. 113).

A proposta brentaniana de que *existiria uma relação intrínseca entre os modos de enunciação categorial e a realidade (on kath' hauto exo tes dianoias)* exige ainda uma consideração fundamental. O que Brentano estava apontando não seria apenas a existência de uma nova teoria das categorias, mas a necessidade de se explicitar a relação intrínseca entre a *estrutura categorial* e o *estatuto real do Ser*, constituído a partir da relação entre o *ser em ato* e o *ser em potência*. Em outras palavras, tratava-se de explicitar o modo como ocorre a constituição da realidade (*on kath' hauto exo tes dianoias*), enunciada por este modo próprio de referência das categorias acidentais à substância, a partir da definição do sentido próprio do *on dunamei kai energeiai*. Deste modo, deparamo-nos aqui com uma interpretação da tese acerca da *multiplicidade de* Franz Brentano para além de Adolf Trendelenburg: sobre a unidade do ser na filosofia de Aristóteles

*sentidos do ser* que, segundo o próprio Brentano, consistiria numa inversão do modo aristotélico de tratar a questão. Pois, segundo ele, Aristóteles tratava primeiramente das categorias e posteriormente do *on dinamei kai energeiai*, uma vez que seu propósito era fazer conhecer a *ousia*, distinguindo nela *forma e matéria*, para então falar do *on dinamei kai energeiai* (Brentano, 1862. p. 8 e 1992, p. 23).

Trata-se aqui de uma inversão que objetivava especificamente sustentar uma interpretação inovadora de inspiração imanentista acerca da realidade (*on kath' hauto exo tes dianoias*), enunciada por este modo próprio de referência das categorias acidentais à substância, a partir da definição do *on dinamei kai energeiai* como *movimento (kinesis)*. Em outras palavras, a interpretação de Brentano propôs que o *on dinamei kai energeiai*, quando tomado em seu sentido próprio, enunciaria o estatuto ontológico da realidade encontrada no *movimento (kinesis)*<sup>39</sup>. Desse modo, é preciso reconhecer, finalmente, que se torna imprescindível a apresentação da análise brentaniana acerca do sistema aristotélico que, ao tratar das categorias, apresentou seu fundamento a partir do sentido próprio do *on dinamei kai energeiai*, uma vez que este estabeleceu o estatuto do *ser real*. No entanto, essa é uma proposta para o próximo trabalho.

## Referências

- Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- BRENTANO, F. *Aristoteles und seine Weltanschauung*. Leipzig: Quelle & Meyer, 1911.
- BRENTANO, F. Aristóteles, trad. Moisés S. Barrado, Barcelona: Editorial Labor, 1943.
- BRENTANO, F. *Aristotle and his World View*. Ed. and Trans. Rolf George and Roderick Chisholm. Berkeley: University of California Press, 1978.
- BRENTANO, F. *De la Diversité des Acceptions de l'Être d'après Aristote*, tr. Pascal David, Paris: J. Vrin, 1992.
- BRENTANO, F. *Descriptive Psychology*. Trans. Benito Muller. London: Routledge, 1995.
- BRENTANO, F. *Deskriptive Psychologie*. Ed. Roderick M. Chisholm and Wilhelm Baumgartner. Leipzig: Wolff, 1982.
- BRENTANO, F. *Kategorienlehre*. Ed. Alfred Kastil. Leipzig: Felix Meiner, 1933.
- BRENTANO, F. *On Several Senses of Being in Aristotle*. Trans. Rolf George. Berkeley: University of California Press.
- BRENTANO, F. *Psychologie vom Empirischen Standpunkt*. vol. 1. Leipzig: Duncker & Humblot, 1874.
- BRENTANO, F. *Psychology from an Empirical Standpoint*. Trans. Antos C. Rancurello, D. B. Terrell, and Linda L. McAlister. London: Routledge & Kern Paul, 1973.
- BRENTANO, F. *The Psychology of Aristotle*. Trans. Rolf George. Berkeley: University of California Press, 1977.
- BRENTANO, F. *The Theory of Categories*. Trans. Roderick M. Chisholm and Norbert Guterman. The Hague: Nijhoff, 1981.

<sup>39</sup> "A *Kinesis* é a atualidade daquilo que está em potência enquanto tal, como a forma do bronze é a atualidade do bronze enquanto tal. Isto significa que ela é a atualidade (*energeia*) que faz de um ser em potência (*ton dunameiontos*) aquilo que ele é (*hei toiouton esti*), ou seja, um ser em potência. Em outros termos, um ser que constitui ou forma um ser em potência como tal (um ser que se encontra no estado de potência na medida em que ele se encontra neste estado" (Brentano, 1862, p. 58 e 1992, p. 68).

BRENTANO, F. *The True and the Evident*. Trans. Roderick M. Chisholm. London: Routledge, 1961.

BRENTANO, F. *Über Aristoteles: Nachgelassene Aufsätze*. Ed. Rolf George. Hamburg: Felix Meiner, 1986.

BRENTANO, F. *Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristóteles*, Freiburg im Breisgau: Hildesheim, 1862.

BRENTANO, F. *Wahrheit und Evidenz*. Ed. Oskar Kraus. Leipzig: Felix Meiner, 1930.

Giusti, E. M. Lógica, linguagem e ontologia no século XIX: a interpretação das categorias de Aristóteles por Adolf Trendelenburg. *Guairaca - Revista de Filosofia*, v. 28, 2012, p. 93 - 111.

Hintikka, J. Aristotle and the Ambiguity of Ambiguity. *Inquiry*, 2, ,1959, p. 137-151

Moran, D. Brentano's thesis, *Proceedings of the Aristotelian Society* v. 70, 1996, p. 1-27.

Orth, E-W. Metaphysische Implikationen der Intentionalität: Trendelenburg, Lotze, Brentano, *Brentano Studien* v. 7, 1997, p. 15-30.

Porta, M. A. G. Zuruk zu Kant (Adolf Trendelenburg, la superación del idealismo y los orígenes de la filosofía contemporânea), *Revista Dois pontos*, v. 2, n. 2, 2005, p.35-59.

Van Der Schaar, M. L'analogie et la vérité chez Franz Brentano, *Revue Philosophiques* v. 26, n.2, 1999, p. 203-217.

Zingano, M. L'Homonymie de l'Etre et le Projet Metaphysique d'Aristote, *Revue Internationale de Philosophie*, v. 51, n. 201, 1997, p. 333 – 334.

Submetido: 24 de junho de 2025

Aceito: 15 de julho de 2025